

Introdução

Maria Eunice Quilici Gonzalez
Mariana Claudia Broens
Clélia Ap. Martins (org.)

Como citar: GONZALEZ, M. E. Q.; BROENS, M. C.; MARTINS, C. A.(org.). Introducao. In: GONZÁLEZ, M. E. Q.; BROENS, M. C.; MARTINS, C. A.(org.). **Informação, Conhecimento e Ação Ética**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p.13-20

DOI:<https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-344-1.p.13-20>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

INTRODUÇÃO

A presente coletânea tem como eixo central uma reflexão sobre temas e problemas concernentes à relação entre informação, conhecimento e ação ética, reflexão essa realizada principalmente em uma perspectiva filosófica interdisciplinar que envolve a Filosofia, a Arte, a Ciência da Informação, a Neurociência, a Biologia e a Psicologia. Destacam-se os temas da relação entre liberdade, determinismo e responsabilidade moral; do ficcionalismo moral; da relação entre imaginação e responsabilidade moral; do papel das novas tecnologias informacionais na constituição de uma ética intercultural e reflexões sobre a identidade pessoal. No que se refere aos problemas investigados, são levantados questionamentos tais como: Qual é a relação entre informação e ação? É possível uma ética intercultural fundada nos processos de auto-organização dos meios digitais? Podem a Filosofia e a Arte nos auxiliar no estabelecimento de novas diretrizes para a ética na contemporaneidade? A abordagem filosófico-interdisciplinar contribui para a compreensão da ação ética? Longe de responder tais interrogações, a presente coletânea propõe uma reflexão coletiva sobre instigantes problemas da contemporaneidade. Os textos que a constituem estão divididos em duas seções.

A primeira parte, denominada *Informação, Auto-organização e Ação Ética* compreende os trabalhos de Antonio Trajano Menezes Arruda; Rafael Capurro; Wilson Mendonça e Idia Laura Ferreira; Maria Clara Dias; Maria Eunice Q. Gonzalez, Mariana C. Broens & Willem Haselager;

Alfredo Pereira Junior e Marcos Antonio Alves, os quais compõem, respectivamente, os artigos 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7.

O primeiro capítulo, de autoria de Antonio Trajano Menezes Arruda, intitulado *Determinismo, Responsabilidade e Sentimentos Morais*, discute um dos problemas clássicos da Filosofia, a saber, a relação entre liberdade, determinismo e responsabilidade moral. A questão central que direciona a instigante reflexão de Trajano é: “como conciliar duas exigências aparentemente contraditórias: o princípio de que todo evento é causalmente determinado e a ideia de que a responsabilidade moral requer uma liberdade que se choca com o determinismo”.

No capítulo 2, *Informação e Ação moral no contexto das tecnologias da comunicação*, Rafael Capurro argumenta a favor da urgência de uma investigação filosófica rigorosa de aspectos éticos relacionados às novas tecnologias informacionais. Em especial, ressalta o autor a diferença entre os fenômenos informacionais referentes às mídias da primeira metade do século XX e aqueles que envolvem a realidade virtual, a multiplicação acelerada de fontes de informação e as relações intersubjetivas possíveis graças às novas tecnologias como a internet.

No capítulo 3, *Como ficcionalizar a Moral: um roteiro*, Wilson Mendonça e Idia Laura Ferreira analisam criticamente tentativas recentes de tratar o objeto da moralidade como uma ficção. Em especial, o trabalho “mostra um *deficit* estrutural no *argumento da intransigência* proposto por Calderon a favor do ficcionalismo moral hermenêutico”. Reconstruindo os passos que levam do cognitivismo irrealista ao ficcionalismo moral revolucionário, os autores argumentam que “não é claro como uma moral fictícia concebida por Joyce poderia ainda ter uma influência adequada na conduta cooperativa e na resolução de conflitos de interesses”.

No capítulo 4, *Ética e Estética: por um ideal estético de uma vida ética*, Maria Clara Dias discute a possibilidade de um ideal de vida estético que contemple nossa demanda atual pela satisfação de princípios morais. Duas propostas centrais direcionam a reflexão inspiradora de Maria Clara: num primeiro momento, ela resgata uma concepção de ética caracterizada como uma disciplina voltada para “prescrições capazes de conduzir a realização de uma vida plena”. Num segundo momento, a autora

investiga “a capacidade de nos compreendermos enquanto participantes da comunidade moral como um possível integrante da nossa concepção do que possa ser uma vida “lograda” ou “feliz”. A defesa do “emprego de nossa capacidade imaginativa como o procedimento mais adequado a implementação do princípio moral do respeito universal” constitui um ponto marcante do trabalho de Maria Clara.

No capítulo 5, *Informação e ação: notas sobre a experiência interdisciplinar na Filosofia*, Maria Eunice Quilici Gonzalez, Mariana Claudia Broens e Willem Haselager analisam o conceito de *informação*, a partir de uma perspectiva filosófica interdisciplinar, no contexto da ação situada e incorporada. As principais questões que norteiam a reflexão dos autores são: O que é isso que chamamos “informação”? Qual é a sua natureza ontológica e epistemológica? De que maneira a informação afeta nossa ação e a dos outros seres que nos cercam? Temos controle sobre os processos informacionais que afetam nossas decisões? Os autores argumentam que, embora a reflexão filosófica seja de extrema importância para a busca de respostas as questões vitais que se colocam sobre a relação entre informação, conhecimento e ação, a Filosofia isoladamente não tem condições de realizar essa tarefa que se complexifica a cada passo da evolução tecnológica e científica. Nesse sentido, os autores defendem a hipótese de que a pesquisa filosófico-interdisciplinar se faz, não apenas necessária, mas imprescindível no estudo de questões sobre a natureza da informação e sua influência na ação e nos processos de aquisição do conhecimento.

O capítulo 6, de autoria de Alfredo Pereira Junior: *Tecnologia, Práxis e Auto-Organização: uma discussão em andamento* faz um balanço de trabalhos sobre informação, tecnologia e auto-organização no domínio da ação humana. Ele argumenta que o papel da tecnologia na ação depende das condições em que ela é gerada e utilizada. Nas palavras do autor: “Identifico uma “inteligência maquiavélica” das elites no trato com a tecnologia, mas também uma “inteligência construtiva” dos agentes de transformação, os quais utilizam versões alternativas da tecnologia existentes em processos auto-organizativos”. O autor interpreta a intensificação do ritmo de inovação tecnológica como estratégia da inteligência maquiavélica, sugerindo que os processos auto-organizativos populares requerem um

ritmo desacelerado de inovação adequado à aprendizagem dos processos e à criatividade da parte dos agentes.

No capítulo 7, *Aspectos da teoria da informação*, Marcos Antonio Alves analisa, de maneira bastante detalhada, o conceito de informação, nas perspectivas de Shannon e Weaver, Dretske e Devlin. Ele ressalta a contribuição de Dretske que, tendo como ponto de partida as ideias de Shannon sobre informação, desenvolve uma concepção semântica de informação, fundante de uma inovadora teoria do conhecimento e da ação. Divergências e pontos em comum entre esses autores são discutidos, apresentando uma valiosa contribuição para o entendimento da relação entre informação e conhecimento.

A segunda parte desta coletânea, intitulada *Temas da História da Filosofia para se pensar a ação ética*, reúne os capítulos 8, 9, 10, 11, 12 e 13 de autoria de Lucio Lourenço Prado, Ricardo Pereira Tassinari e Ítala Loffredo D'Ottaviano; Ramon Capelle de Andrade e Ítala Loffredo D'Ottaviano; Reinaldo Sampaio Pereira, Ana Portich e Clelia Ap. Martins, respectivamente. Nesta seção, são analisados e discutidos temas, a partir das perspectivas lógica e histórico-filosófica, como os da relação entre conhecimento e ação; a autodeterminação lógica do pensamento; as implicações da interação matéria/forma; as características específicas da moderna poética da tragédia e as noções transcendental e psicossocial de identidade.

No capítulo 8, *Notas sobre a filosofia da linguagem* de Stuart Mill, Lúcio Lourenço Prado discute a relação entre a perspectiva empirista de Mill e suas concepções sobre Lógica e Filosofia da Linguagem. O autor ressalta, com detalhamento conceitual e contextualização histórico-filosófica, a relevância das críticas de Mill ao nominalismo psicologizante do empirismo clássico e as contribuições de suas teses para a célebre virada linguística da filosofia contemporânea.

Em seguida, no capítulo 9, *A Lógica e as Lógicas: sobre a noção de sistema formal e o princípio da liberdade lógica*, Ricardo Pereira Tassinari e Ítala Loffredo D'Ottaviano apresentam e analisam, de maneira detalhada, o conceito de liberdade lógica. Neste texto, os autores defendem a hipótese segundo a qual o pensamento se autodetermina logicamente, podendo ser considerado *livre* nesse sentido.

O capítulo 10, intitulado *Uma caracterização dos hábitos à luz do conceito de sistema*, de autoria de Ramon Capelle de Andrade e Ítala Loffredo D’Ottaviano, introduz o conceito de hábito no contexto da Filosofia da Mente e da Ciência Cognitiva. O objetivo central dos autores é defender a hipótese segundo a qual parte da organização do sistema psicocomportamental de um agente é derivada de um conjunto de hábitos, cuja forma lógica pode ser expressa através de um condicional: *se a circunstância A acontece, então o curso comportamental B tende a ser adotado pelo agente*.

No capítulo 11, *Matéria e forma como causas explicativas dos eventos no mundo em Aristóteles*, Reinaldo Sampaio Pereira busca elucidar, com alto rigor conceitual, de que modo as noções aristotélicas de matéria e forma auxiliam a compreender e explicar eventos no mundo, na medida em que permitem apreender potencialidades dos entes. Ainda que o autor não trate diretamente da relação entre forma e matéria na contemporaneidade, entendemos que sua análise contribui, de maneira impar, para ulteriores desenvolvimentos do conceito de *forma* e sua relação com os eventos informacionais.

No capítulo 12 intitulado *A moderna poética da tragédia*, Ana Portich busca clarificar, com precisão conceitual e histórica, as diferenças entre as noções clássica e moderna de tragédia, ressaltando as concepções filosóficas às quais estão vinculadas a poética trágica grega clássica e a moderna poética europeia do trágico, profundamente influenciada pela filosofia cartesiana.

Por fim, no capítulo 13, *Dois acepções distintas de identidade*, Clélia Aparecida Martins discute, com rigor e erudição, o conceito de identidade a partir de duas perspectivas teóricas que tratam do conceito de identidade do sujeito: a transcendental, postulada por Emanuel Kant, e a psicossocial, defendida por Antonio Trajano Menezes Arruda. Em especial, a autora ressalta os diferentes contextos teóricos em que ambas perspectivas são postuladas e suas implicações para a compreensão da moralidade.

Como ficará claro para o leitor atento, a presente obra expressa um esforço de valorização de diversos modos de expressão do trabalho filosófico. Mais do que uma coletânea convencional, ela reúne capítulos inspirados na rica atividade filosófica exemplarmente vivida por Antonio

Traiano Menezes Arruda. A ele dedicamos este livro, e também o evento no qual vários dos capítulos foram apresentados, como uma expressão de apreço e de gratidão pelos mais de trinta anos de trabalho criativo e dedicado ao ensino e à pesquisa da Filosofia no Departamento de Filosofia da UNESP *campus* de Marília. Esperamos que o leitor enriqueça a sua reflexão com esta obra, que ressalta, de diferentes modos, a relevância da atividade filosófica para a compreensão de problemas tão contemporâneos quanto, ao que nos parece, perenes.

Maria Eunice Quilici Gonzalez

Mariana Claudia Broens

Clélia Ap. Martins

PARTE I
INFORMAÇÃO, AUTO-ORGANIZAÇÃO
E AÇÃO ÉTICA

